



Bezerra, um dos líderes do protesto: "Prefeitura não cumpre estatuto"

Soluções improvisadas provocam manifestação

Na 5ª-feira, pais de alunos saíram em passeata e foram parar no 46º DP para protestar

Diretores, auxiliares e até inspetores de alunos no lugar dos professores. Turmas divididas e espalhadas por outras classes. O problema da falta de professores nas escolas municipais revolta pais de alunos. Na EMPG Cândido Portinari, na Vila Caiúba, na Zona Oeste, eles tentaram achar soluções, mas não conseguiram. O caso saiu da delegacia de ensino e foi parar na delegacia de polícia.

Na quinta-feira, eles se reuniram em frente da escola e fizeram uma manifestação. Saíram em passeata e foram parar no 46º Distrito Policial, em Perus. "O direito à educação está previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente e a Prefeitura não está cumprindo", dizia Márcio Bezerra, um dos organizadores do protesto.

A direção da escola havia até enviado aviso aos pais pedindo que as crianças fossem estudar em outro horário. A dona de casa Rosângela da Silva Azarcão recebeu o bilhete. Sua filha Daniele, de 8 anos, está matriculada na 2ª série, das 11 às 15 horas. Como a professora Leni está de licença médica, a menina teve de

estudar das 7 às 11 horas, às segundas e terças, com Luiz. "É um absurdo não ter substituto."

Para desespero dos pais, funcionários da área da saúde, como psicólogos e enfermeiros, que não aderiram ao Programa de Assistência à Saúde (PAS), foram encaminhados a algumas escolas. "Mas eles não têm onde trabalhar e nós queremos é professores", diz Bezerra. Segundo ele, alunos de uma 7ª série não têm aula de Ciências periodicamente desde a 5ª série.

"O titular da matéria pediu exoneração e não foi substituído", conta. A estudante Juliana Colaço, de 11 anos, da 5ª série, confirma. "Às vezes

eles deixam a gente ir embora, mas quase sempre ficamos, na aula vaga, na quadra do colégio."

A EMPG Fernando Gracioso, no Jardim do Russo, também na Zona Oeste, chegou a ficar mais de um mês sem professores no início do

ano. O problema persiste: quando eles faltam ou estão de licença médica, são substituídos até por inspetores. "Mas eles dão atividades aos alunos", alega a diretora, Deucélia Nunes de Lima. A divisão das classes também é usada para driblar a falta de professores. A dona de casa Clarisse de Lira Silva diz que sua filha, Jaqueline, de 7 anos, ficou sendo "jogada" de uma sala para outra durante 15 dias. (M.V.)

ESTUDANTES
NÃO TÊM AULA
DE CIÊNCIAS
HÁ DOIS ANOS